



ANNIE
 Adriana Paqueta, 12 anos.
 É do Porto e esta é
 a primeira vez que
 participa num musical de
 Filipe La Féria

sete

'ANNIE': POR DETRÁS DO PALCO

Além das figuras de cartaz,
 existem outras igualmente importantes.
 Conheça os seus talentos

PORTO E NORTE
 22 DE ABRIL DE 2010



sete

CAPA



LUÍSA BRASIL



ALBERTO VILLAR



INNA LISNIAK

QUEM FAZ 'ANNIE'?



CARLOS MEIRELES



EUGÉNIA REGO

Os bastidores do espectáculo *Annie* e os protagonistas para lá da cortina do palco. O novo musical de Filipe La Féria vai estar em cena no Teatro Rivoli, no Porto, a partir de sábado, dia 24. *Annie* nasceu com a BD *Little Orphan Annie*, criada em 1924 por Harold Gray. O musical estreou na Broadway, em 1977, numa produção de Mike Nichols e esgotou salas durante anos. Mas foi com o filme de John Huston, em 1982, que a miúda de cabelos ruivos correu mundo. O sucesso foi tal que, um ano mais tarde, o musical estreou no Teatro Maria Matos. Agora está de volta, oferecendo a toda uma nova geração um clássico sobre nunca desistir de um sonho

SUSANA SILVA OLIVEIRA TEXTO LUCÍLIA MONTEIRO FOTOS



ROSA AREIA

LUÍSA BRASIL 56 ANOS, PRODUTORA

Foi a última a chegar, vinda da ilha Terceira, nos Açores. Nunca imaginou sequer sair da ilha, menos ainda depois dos 50. «As grandes cidades apavoram-me, não tenho a quem dizer adeus», confessa. Dar aulas foi a sua grande paixão, até embarcar num «acidente de percurso», a política. E assumir o cargo de vereadora da cultura. Três mandatos depois, novo desafio, desta vez com bilhete de avião incluído. Mas só de ida. Saudades? «Claro, dos serrados, do mar e... das vacas», diz com emoção.

A convite dela Filipe La Féria apresentou-se no Teatro Angrense por diversas vezes, até estrear o musical *Plaf*, em 2009. E foi por ele que Luísa veio para o Continente. Chegou apenas em Dezembro ao Porto, mas já fez de tudo um pouco. Trata de patrocínios, assiste a *castings*, acompanha de perto o trabalho da coreógrafa e do director de cena. E se preciso for, sobe a um escadote, com a mesma atitude. «Sou uma espécie de faz tudo, se precisarem de mim estou sempre por aqui». Cruza a porta do Teatro Rivoli às 9 da manhã, saindo muitas vezes depois da meia-noite. Tem apenas uma folga por semana, tal como o resto da companhia. Crianças incluídas. Até à estreia o ritmo é sempre alucinante. Enquanto uns ensaiam o texto, outros acertam os movimentos. «O grupo está muito entrosado, já fez vários espectáculos juntos.» Sobre o musical *Annie*, Luísa não tem dúvidas que «vai fazer sonhar».

EUGÉNIA REGO 52 ANOS, COSTUREIRA

No *charriot* já estão pendurados sobretudo fatos, vestidos e camisas. Tudo organizado com o nome de quem vai estar em palco, para que não haja engano. É no meio de tecidos, botões, fios e fechos que Eugénia gosta de estar. Depois de dois anos a colaborar com o encenador, já sabe o que se espera dela: «Pontualidade na entrega e qualidade na confecção.» Há cerca de um mês que trabalha «das dez à meia-noite, de segunda a segunda». O cansaço é, aliás, visível no seu rosto. Não há tempo para pausas. «Durmo depressa, às vezes nem dou por isso», conta.

As cerca de 50 peças do guarda-roupa não têm segredos para esta costureira, que passou a vida envolvida no mundo dos panos. Conhecido o desenho da roupa, tiram-se medidas a todos os actores e bailarinos, e metem-se as mãos à obra. Pelo meio são feitas as provas. Acertos finais só na presença do encenador. «Tudo tem de estar perfeito para ele aprovar.» Apesar do elevado grau de exigência, Eugénia confessa que «este é um trabalho mais criativo. Antes só fazia roupa de senhora, estava condicionada apenas à moda». Agora, é La Féria quem dita as tendências.

ALBERTO VILLAR 66 ANOS, DIRECTOR DE CENA

É o único que continua com um pé fora do Teatro Rivoli, apesar de «aparecer, desde 2007, em diversas fichas técnicas de musicais. «Não deixei de trabalhar como actor», lembra. Mas, afinal, qual é papel de um director de cena? «Substitui o encenador durante o espectáculo. Tudo tem de correr como se ele cá estivesse.» A ligação entre eles vem de longe. «Trabalhamos juntos no Teatro Experimental de Cascais, nos anos 70, quando La Féria era ainda actor.» Pela quinta vez, troca o palco pelos bastidores e assina a direcção de cena. A exigência do papel não o assusta. «Tenho a grande felicidade de fazer o que gosto, com paixão.» Sobre o encenador diz apenas que «impõe disciplina e rigor para não desiludir o público». Mas é na estreia que os nervos falam mais alto. «Não é fácil lidar com a ansiedade. Em cada estreia perdemos dez anos de vida.»

sete

CAPA

INNA LISNIAK 44 ANOS, COREÓGRAFA

A paixão pela dança é visível em cada ensaio. O rigor, a disciplina e o nível de exigência está sempre presente. Tal como o incentivo e o apoio. «É um trabalho físico e emocional, ter de representar um papel, ser uma outra pessoa», afirma. Mais ainda quando se trata de crianças, com idades entre 9 e 14 anos. «Além de talento e apoio dos pais, é preciso ter muita força de vontade.» As horas de ensaio a isso obrigam. «Elas estão cá das 3 da tarde à meia-noite, mas têm períodos de descanso», nota. Cada passo é ensaiado vezes sem conta, por que «em palco nada pode falhar». Esta não é uma estreia para a maioria das 24 meninas deste grupo. «Elas cresceram e já são pequenas grandes artistas», diz. Mais de 200 crianças participaram nos *castings*. Acabaram por ser escolhidas 24, de onde saíram as duas Annies que estarão em palco, interpretadas por Adriana Paquete e Leonor Castro. Além de duas meninas que vestem a pele da amiga Molly: Joana Rita Amorim e Inês Fontes.

CARLOS MEIRELES 30 ANOS, DIRECÇÃO VOCAL

Estreou-se em *Amália* e foi Anás em *Jesus Cristo Superstar*. Depois, nunca mais parou. Abandonou a carreira de médico veterinário, que aliás nunca chegou a exercer, para cumprir um sonho. «Ser um homem do espectáculo e da música.» Nos últimos três anos assumiu a direcção vocal de *Um Violino no Telhado*, *Alice no País das Maravilhas* e *O Feiticeiro de Oz*. Admite que trabalhar com La Féria «é apaixonante por ser tão duro». Fechado no estúdio, rodeado por músicos, Carlos faz gravações de voz, dá aulas de canto, trabalha a voz de cada actor, sem esquecer a maqueta da orquestra para os ensaios da coreografia. «Para estar aqui não chega ter talento é preciso encontrar a coisa certa», adverte.

ROSA AREIA 60 ANOS, CONTRA-REGIA

Já foi actriz, mas trocou as luzes da ribalta pela penumbra da sala. É um tom nostálgico que recorda as actuações. «Vivi bons momentos em palco, ficaram as saudades dos aplausos do público.» No Politeama,



MARIANA SOUSA

12 sete 22 DE ABRIL DE 2010



IRENE SOUSA

integrou o cartaz de alguns musicais como *Amália*, *My Fair Lady* e *Canção de Lisboa*. Depois de algum tempo fora do palco, aceitou o convite para cuidar das áreas técnicas. «Sou a autoridade máxima dentro do palco», diz com orgulho. Nada acontece sem a sua autorização. Rosa cuida de cenários e objectos de cena, indica as entradas e saídas de actores, dirige as movimentações dos mecanismos cénicos. A partir do momento em que o pano sobe, Rosa não tem um minuto de descanso. «Estou sempre em contacto com os técnicos. Tudo passa por mim.»

MARIANA SOUSA 25 ANOS, ASSISTENTE DE CAMARIM

Toma conta de tudo, desde a roupa aos adereços, e até mesmo o copo de água à entrada do palco. Neste espectáculo, o papel é um pouco diferente. Mariana toma conta das meninas e da *Sandy*, a cadela da *Annie*, que já adoptou. «Na prática sou *babysitter*.» E já não é pouco, se pensarmos em 24 «tagarelas» juntas. «Tudo se resolve com disciplina e rigor militar, não é meninas?» Elas riem do comentário. Desde a entrada no Rivoli até serem entregues aos pais, ela nunca se perde de vista. É com Mariana que partilham o lanche, o jantar e os períodos de descanso. «Às vezes até me chamam mãe.» O ritual repete-se seis dias por semana até à estreia, com excepção de segunda que é folga da companhia.

IRENE SOUSA 63 ANOS, DIRECTORA DE PRODUÇÃO

Durante anos trabalhou como gestora numa empresa de plásticos da Marinha Grande. Mas nem piscou quando soube que La Féria procurava alguém com o seu perfil. «Nunca pensei entrar neste mundo, apesar de sempre ter estado ligada ao teatro amador», recorda. Uma conversa e tudo se alterou. «Mudei de armas e bagagens para a capital» e, doze anos depois, é «uma espécie de braço-direito ou esquerdo» do encenador. Anda sempre à volta com papéis e nunca perde de vista o telemóvel. A poucos dias da estreia de *Annie*, sucedem-se as viagens entre Porto e Lisboa. E a agitação sente-se de cada vez que se cruza com algum técnico. Há sempre alguém com mais uma indicação sobre um assunto já tratado. Ela toma nota. Numa produção, que envolve cerca de 200 pessoas, entre actores bailarinos, músicos e técnicos, há toda uma complicada logística a que tem de dar resposta.